

Eros e Éris na filosofia de Arthur Schopenhauer

Fernanda Daniela Prado

Graduanda em Filosofia na Universidade Federal do Paraná – UFPR
ferprado2005@gmail.com

Resumo: Em sua obra magna, *O mundo como vontade e representação*, Arthur Schopenhauer entende a sua filosofia como um sistema orgânico e afirma que o mundo é vontade e aparece como representação, ou seja, tudo é vontade e, por conseguinte, manifestação da vontade. De modo especial, o autor define uma das formas mais penetrantes da vontade, assim chamada de Vontade de vida, entendida como uma força obscura e cega; um impulso terrível e dramático, que move os indivíduos de forma dolorosa e brutal. Este desejo extremamente rude e irrefletido é condicionado pelo instinto de conservação. Um dos problemas a ser ressaltado é de que existe uma condição existencial relacionada a vida humana que é o sofrimento humano e a espécie humana seria a mais suscetível ao sofrimento. A vida é um perpétuo combate e cada indivíduo é apenas um instrumento da vontade que luta para impor o que parece necessário, já que todo o querer nasce de uma necessidade. Em todos os graus de objetivação da vontade, existe necessariamente uma luta contínua entre os indivíduos de todas as espécies. O ponto de partida de toda luta está no egoísmo, representado na figura de Éris. Em virtude de a essência íntima da natureza, a Vontade de vida, ter como expressão máxima o impulso sexual. Os poetas e filósofos antigos, dentre eles Hesíodo, Parmênides, Péricles, Aristóteles, afirmaram que Eros seria o primeiro, o criador, o princípio do qual provêm todas as coisas. A natureza, cuja essência íntima é a Vontade de vida, compele com todas as forças o homem e o animal para a propagação da espécie. Tal vontade de vida, preocupa-se exclusivamente com a conservação da espécie e, neste caso, o indivíduo pode ser considerado em vão.

Palavras-chave: Vontade de vida, Éris, Eros.

O termo ‘vontade’ na filosofia de Arthur Schopenhauer (1788-1860) pode ser caracterizado a partir de várias noções: essência do real; pura atividade; característica da realidade efetiva; condição essencial; puro impulso; a “raiz” de todos os movimentos do corpo; princípio cósmico

unificado presente; essência íntima do homem; é cega em todas as aparências, como também pode ser considerada conflito, inconsciente, irracional, autodiscórdia, una, atemporal, livre, etc.

Em sua obra magna, *O mundo como vontade e representação* (“*Die Welt als Wille und Vorstellung*”), o filósofo entende a sua filosofia como um sistema orgânico e afirma que o mundo é vontade e aparece como representação, ou seja, tudo é vontade e, por conseguinte, manifestações da vontade. Sendo o mundo totalmente representação, é possível afirmar que, de um ponto de vista, só há a relação sujeito e objeto, e já de outro ponto de vista, o mundo é vontade; e a filosofia não tem critérios para estabelecer qual destes pontos de vistas seria o correto. Vale ressaltar, aqui, que a filosofia do autor se mostra como uma espécie de perspectivismo, onde ambas perspectivas poderão ser consideradas.

O ponto de partida do pensamento do filósofo alemão é a filosofia crítica de Kant e, embora submeta a filosofia kantiana a uma investigação crítica, inicialmente a vontade é caracterizada como coisa em si e, posteriormente, é como a raiz de todos os fenômenos – e, por isso mesmo, abordável. Porém é preciso tomar cuidado para não atribuir à vontade enquanto “coisa em si” ao princípio de razão.

O filósofo alemão realiza uma espécie de virada filosófica relacionada ao descredenciamento e desapego da razão, ou seja, uma desconstrução do Iluminismo, já que no século XVIII é notável a confiança na razão humana. Há também na filosofia do autor um “não antropocentrismo” e o mesmo considerava a sua obra como um “sistema orgânico”, uma metafísica imanente, na qual a chave para entendê-la será a experiência do corpo, daí o ponto de ruptura com os outros pensadores.

Do ponto de vista da representação, o “corpo” é a expressão da vontade, já do ponto de vista da vontade, o corpo é idêntico a ela. Essa vontade não é submetida à imposição da razão, pois é absoluta. Cada ser na natureza expressa a vontade, ou seja, cada espécie é, ou se comporta, conforme o grau em que a vontade se expressa. A vontade aparecerá em toda a parte na pluralidade dos indivíduos e o fato de a ação do corpo ser meramente ato da vontade objetivada significa que o corpo, nele mesmo, é a vontade em si objetivada, ou seja, traduzida em percepção. Para o autor, o corpo do homem já é objetividade (*Objektivität*) da vontade¹.

Um dos problemas a ser ressaltado é o de que existe uma condição existencial relacionada à vida humana que é o sofrimento humano e a espécie humana seria a mais suscetível ao sofrimento. Inevitáveis questionamentos são colocados a partir deste problema: como a vida se dá e permanece? Não há sentido para a vida? Não há finalidade para a vida no mundo?

É inexorável que a realidade seja o sofrimento e puro conflito em que não é possível eliminar estes dois fatores. A vida é um perpétuo combate e cada indivíduo é apenas um instrumento da vontade que luta para impor o que parece necessário, já que todo o querer nasce de uma necessidade. Segundo o autor:

Desde o primeiro instante de aparecimento de sua consciência, o homem se acha como um ser que quer, e, via de regra, seu conhecimento permanece em

¹ Objetividade (*Objektivität*) é um neologismo criado pelo filósofo alemão e indica uma outra relação entre o sujeito e o objeto. Esta “atividade interior” é realizada quando a consciência se volta para dentro de si e encontra os sentimentos (impressões interiores)

constante relação com a vontade. Ele primeiro procura conhecer plenamente os objetos do querer; em seguida os meios para eles. Sabe, então, o que tem de fazer e, via de regra, não se empenha por outro conhecimento. Age e impele-se, sua consciência sempre trabalha direcionada ao alvo de seu querer, mantendo-o atento e ativo, e seu pensamento concentra-se na escolha dos meios. Assim é a vida de quase todos os homens. Querem, sabem o que querem e esforçam-se em favor disso com sucesso suficiente para protegerem-se do desespero, e suficiente fracasso para protegerem-se do tédio².

De modo especial, Schopenhauer define uma das formas mais penetrantes da vontade, assim chamada de Vontade de vida (*Wille zum Leben*) entendida como uma força obscura e cega; um impulso terrível e dramático, que move os indivíduos de forma dolorosa e brutal. Este desejo extremamente rude e irrefletido é condicionado pelo instinto de conservação. Segundo o autor:

O tema fundamental de todos os diferentes atos da Vontade é a satisfação das necessidades inseparáveis da existência do corpo em estado saudável, necessidades que já têm nele a expressão e podem ser reduzidas à conservação do indivíduo e à propagação da espécie³.

A afirmação da vontade é um querer incessante, que não é “assombrado” por conhecimento algum, e preenche a vida dos homens em geral. A afirmação da vontade é condizente com a afirmação do corpo. Schopenhauer ressalta que “a vontade só pode se tornar visível nos motivos,

² SCHOPENHAUER, 2015, p. 421, §60.

³ SCHOPENHAUER, 2015, p. 420, §60.

assim como o olho apenas exterioriza seu poder de visão na luz”⁴. Qual seria então a relação entre vontade e os motivos? Os motivos em geral se postam diante da vontade como um Proteu⁵ multifacetado e sempre prometem-lhe satisfação irrestrita, isto é, a morte da sede volitiva.

Em todos os graus de objetivação da vontade, existe necessariamente uma luta contínua entre os indivíduos de todas as espécies. O ponto de partida de toda luta está no egoísmo, representado na figura de Éris⁶. O pressuposto e uma das consequências do egoísmo é a individuação

⁴ SCHOPENHAUER, 2015, p. 420, §60.

⁵ Proteu, deus marinho, era filho de Oceano e de Tétis ou, segundo uma outra tradição, de Netuno e de Fênice. Segundo os gregos, a sua pátria é Palene, cidade da Macedônia. Dois dos seus filhos, Tmolos e Telégono, eram gigantes, monstros de crueldade. Não tendo podido chamá-los ao sentimento da humanidade, tomou o partido de retirar-se para o Egito, com o socorro de Netuno, que lhe abriu uma passagem sob o mar. Também teve filhas, entre as quais as ninfas Eidotéia, que apareceu a Menelau, quando voltando de Tróia esse herói foi levado por ventos contrários sobre a costa do Egito, e lhe ensinou o que devia fazer para saber de Proteu os meios de regressar à pátria. Proteu guardava os rebanhos de Netuno, isto é, grandes peixes e focas. Para o recompensar dos trabalhos que com isso tinha, Netuno deu-lhe o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Mas não era fácil abordá-lo, e ele se recusava a todos que vinham consultá-lo. Eidotéia disse a Menelau que, para decidi-lo a falar, era preciso surpreendê-lo durante o sono, e amarrá-lo de maneira que não pudesse escapar, pois ele tomava todas as formas para espantar os que se aproximavam: a de leão, dragão, leopardo, javali; algumas vezes se metamorfoseava em árvore, em água e mesmo em fogo; mas se se perseverava em conservá-lo bem ligado, retomava a primitiva forma e respondia a todas as perguntas que se lhe fizessem. Menelau seguiu ponto por ponto as instruções da ninfa. Com três dos seus companheiros, entrou de manhã, nas grutas em que Proteu costumava ir ao meio-dia descansar, juntamente com os rebanhos. Apenas Proteu fechou os olhos e tomou uma posição cômoda para dormir, Menelau e os seus três companheiros se atiraram sobre ele e o apertaram fortemente entre os braços. Era inútil metamorfosear-se: a cada forma que tomava, apertavam-no com mais força. Quando enfim esgotou todas as suas astúcias Proteu voltou à forma ordinária, e deu a Menelau os esclarecimentos que este pedia.

⁶ Éris, na mitologia grega, era a deusa da discórdia. Filha dos reis do Olimpo, fora desprezada por sua mãe Hera por não ter muita beleza. Seu equivalente romano é

(*principium individuationis*)⁷, por meio do qual todo indivíduo quer tudo para si e deseja dominação e aniquilamento de tudo aquilo que lhe opõe resistência. Conforme afirma o filósofo alemão:

Observamos não apenas como cada um procura arrancar do outro o que ele mesmo quer ter, mas inclusive como alguém, em vista de aumentar o seu bem-estar por um acréscimo insignificante, chega ao ponto de destruir toda a felicidade ou a vida de outrem. Eis aí a suprema expressão do egoísmo, cujos fenômenos, nesse aspecto, são superados apenas por aqueles da pura maldade, que procura, indiferentemente e sem benefício pessoal, a injúria e a dor alheia⁸.

Existe uma ânsia (resultado da Vontade de vida) pela eternidade e fuga do tédio (fastídio). Esta busca infundável e infundada traz outros questionamentos: ainda que a eternidade seja inalcançável, por que a buscamos? Se toda a vida é sofrimento, por que persistir em permanecer na eternidade?

Discórdia, que significa “discórdia”. O oposto grego de Eris é Harmonia, cuja contraparte latina é *Concordia*. Homer igualou-a com a deusa da guerra Enyo, cuja contraparte romana é Bellona. Foi desposada pelo deus primordial Éter (Deus do espaço imaterial), com o qual concebeu catorze filhos. Cada um deles dotado de um poder maligno o que a alcunhou como *Mãe dos Males*. Éris sempre fora companheira de seus irmãos em questões terrenas, sobretudo de Ares nas batalhas.

⁷ Ao citar o *principium individuationis*, Schopenhauer faz referência ao Véu de Maya, ou seja, uma metáfora que reverencia a filosofia hindu. *Maya* é um termo filosófico que tem vários significados: em geral, ele se refere ao conceito da ilusão que constituiria a natureza do universo. *Maya* deriva da contração de *ma*, que significa “medir, marcar, formar, construir”, denotando o poder de Deus ou do demônio de criar ilusão, e *ya*, que significa “aquilo”.

⁸ SCHOPENHAUER, 2015, p. 427-428, §61.

Esta vontade perversa, inconsciente e irracional cria ilusões para a manutenção da vida. O querer, com efeito, implica uma necessidade e a necessidade é dor. Ao querer as coisas, persevera o estado de descontentamento congênito. Onde se pode ler:

A natureza, sempre verdadeira e consequente, aqui até mesmo inocente, exhibe de maneira bastante explícita a significação íntima do ato de procriação. A nossa consciência, a veemência do impulso, nos ensina que neste ato se expressa de maneira pura e sem mescla (como no caso da negação de outros indivíduos) a mais decidida AFIRMAÇÃO DA VONTADE DE VIDA. Depois, no tempo e na série causal, isto é, na natureza, é que uma nova vida aparece como consequência do referido ato. Diante do procriador aparece o procriado, o qual é diferente do primeiro apenas no fenômeno, mas em si mesmo, conforme a Ideia, é idêntico a ele⁹.

Outra novidade apresentada pelo autor é a consideração de que o impulso sexual seria o foco da vontade, por conseguinte, o ato de procriação, juntamente com a satisfação sexual fariam referências diretas à afirmação da Vontade de vida. Tais afirmações apresentariam uma problemática para a tradição. O filósofo irá apresentar esta problemática a partir de dois motivos profundos de vergonha que envolveriam o intercuro da criação: o primeiro é relacionado a queda pecaminosa de Adão e, em virtude dos seus atos pecaminosos pela satisfação do prazer sexual, os indivíduos seriam culpáveis por sofrimento e morte; e o segundo motivo

⁹ SCHOPENHAUER, 2015, p. 422, §60.

seria representado pelo Mito de Proserpina¹⁰, já que o retorno de Proserpina ao mundo subterrâneo ainda seria possível se a mesma não tivesse saboreado a romã. Aqui faz-se necessário ressaltar que o prazer é puramente negativo: satisfação de uma necessidade, cessação da dor.

Em virtude de a essência íntima da natureza, a Vontade de vida, ter como expressão máxima o impulso sexual, os poetas e filósofos antigos, dentre eles Hesíodo, Parmênides, Péricles, Aristóteles, afirmaram que Eros¹¹

¹⁰ Proserpina ou Prosérpina, na mitologia romana, é filha de Júpiter com Ceres, uma das mais belas deusas de Roma. Enquanto colhia flores, foi raptada por Plutão (mitologia), que fê-la sua esposa. Era identificada também como sendo a deusa Líbera. Sua mãe, desesperada com o desaparecimento da filha, caiu numa fúria terrível, destruindo as colheitas e as terras. Somente a pedido de Júpiter, acedeu a devolver a vida às plantas, exigindo, no entanto, que Plutão lhe devolvesse a filha. Como, por um ardil deste último, Proserpina havia comido um bago de romã, não poderia abandonar o submundo de forma definitiva. Acabou por se encontrar uma solução do agrado de todos: Proserpina passaria metade do ano debaixo da terra, no submundo, na companhia do marido - corresponde essa época, ao inverno, quando Ceres, desolada, descuida a Natureza, deixando morrer as plantas - e a outra metade do ano à superfície, na companhia da mãe - corresponde ao verão, quando a Natureza renasce, fruto da alegria de Ceres.

¹¹ A palavra Eros, é derivada do verbo érasthai, que em grego clássico, significa “desejar ardentemente”, em outras palavras, “estar ardente de amor”. Eros é o deus do amor. Na maioria das vezes é colocado como filho de Afrodite e Ares, mas para Hesíodo, na Teogonia, ele é um deus primordial que nasceu do Caos. Hesíodo descreve Eros como sendo o mais belo e irresistível de todos os seres e, abrindo mão de seu bom-senso, considera-o o unificador dos elementos e fundamental para a passagem do Caos ao Cosmo, ou seja, da desordem ao mundo organizado. Existe uma terceira versão para o nascimento desse deus. Segundo Platão, os deuses banquetavam em comemoração ao nascimento de Afrodite. Naquele evento Poro, a abundância embebedou-se de néctar e adormeceu no jardim. Foi quando Pênia, a pobreza, aproveitando-se da situação manteve relações sexuais com ele. Dessa união nasceu Eros, que passou a acompanhar Afrodite pelo fato de ter sido concebido no dia de seu nascimento. Como filho de Afrodite ele era representado como uma criança que nunca crescia. Certa vez, sua mãe questionou à Métis, a prudência, esse fato. A amiga explicou que Eros era muito solitário e precisava de um irmão. Com a chegada de Anteros, o pequeno deus começou a crescer normalmente. Com o tempo, Afrodite concebeu quatro Erotes que personificavam as diferentes faces do

seria o primeiro, o criador, o princípio do qual provêm todas as coisas. O autor inova a tradição filosófica ao afirmar também que os genitais são o genuíno foco da vontade e, por consequência, são o polo oposto do cérebro (o representante do sofrimento). Os genitais são o princípio conservador vital e asseguram “continuidade no tempo”. O autor ainda faz referência aos gregos e hindus que veneravam os genitais (*phallus* e *linga*, respectivamente) por serem símbolos da afirmação da vontade. É importante ressaltar aqui que mais que qualquer parte do corpo, os genitais se submetem exclusivamente à vontade e de maneira alguma a racionalidade. Onde se pode ler:

Os genitais, mais do que qualquer outro membro externo do corpo, estão submetidos meramente à Vontade e de modo algum ao conhecimento. Sim, a Vontade mostra-se aqui quase tão independente do conhecimento quanto nas outras partes que, por ocasião de simples excitação, servem à vida vegetativa, à reprodução e nas quais a Vontade faz efeito cegamente como o faz na natureza destituída de conhecimento¹².

amor, sendo Eros o principal deles: Eros era o que representava o amor verdadeiro, da união e da afinidade que gera simpatia e inspira; Anteros era o deus dos amores correspondidos e não-correspondidos e das manipulações. Ele também é considerado o oposto de Eros sendo a antipatia que desune e separa; Himeros era o deus do desejo sexual e carnal; Pothos era o deus da paixão cega e fervorosa. Em Roma, Eros era identificado como Cupido, sendo inicialmente representado como um jovem muito belo, às vezes com asas e outras sem elas, que atingia corações humanos com suas flechas. Dentre diversas lendas sobre Eros, a mais conhecida é a de Psique, na qual o deus deveria induzir a moça a apaixonar-se por um monstro a pedido de sua mãe. Entretanto sua flecha saiu pela culatra acertando ele mesmo, assim tornou-se seu amante.

¹² SCHOPENHAUER, 2015, p. 424, §60.

A afirmação da Vontade de vida faz, ainda, referência à morte, porém, esta não a afeta, porque a morte existe como algo imanente à vida, enquanto o seu oposto (a geração), mantém o perfeito equilíbrio. A essência da Vontade de vida anseia tão fortemente vida e persistência que na morte a mesma permanece intocada e intacta. Para se livrar tanto do sofrimento quanto da morte está reservada a negação da vontade de vida, na qual a vontade individual renuncia a si mesma.

A natureza, cuja essência íntima é a Vontade de vida, compele com todas as forças o homem e o animal para a propagação da espécie. Tal vontade de vida, preocupa-se exclusivamente com a conservação da espécie e, neste caso, o indivíduo pode ser considerado em vão. Segundo o autor, o fim último de toda disputa amorosa é nada mais nada menos que a composição da próxima geração como também todo enamoramento tem em mira unicamente a procriação do indivíduo. Apesar de ser costume vermos os poetas ocupados com a descrição do amor entre os sexos, o amor é descrito como a satisfação do impulso sexual direcionado para uma criança a ser procriada. O amor visto como uma espécie de engano apresenta-se de duas formas: o amor a si mesmo é o engano do qual a vontade se serve para a conservação do indivíduo e o amor sexual é o engano do qual ela se serve para a conservação da espécie humana.

Em suma, a justificativa para o sofrimento é o fato da vontade afirmar a si mesma neste fenômeno inerente à vida. Essa aparente contradição encerra-se no fato de que o sofrimento é também uma das expressões da afirmação da vontade. Ao indivíduo que conhece e encontra a si mesmo como a Vontade de vida em sua totalidade (“um microcosmo equivalente ao macrocosmo”), torna-se necessária a libertação da dor e do

tédio mediante a arte e a ascese. Com efeito, na experiência estética, o indivíduo se separa das cadeias da vontade e se transforma em “puro olho do mundo”, esquecendo (por ora) de si mesmo e da sua dor. A arte é o desaparego do egoísmo no tocante às coisas, mediante a contemplação desinteressada da mesma; já a ascese é a superação completa do individualismo e, portanto, o conhecimento da própria “nulidade”. Assim, o aniquilamento da própria singularidade seria a sabedoria suprema a ser alcançada.

Referências bibliográficas

- ANTISERI, Darío; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991. – (Coleção filosofia)
- CACCIOLA, Maria Lúcia. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. São Paulo: Edusp, 1994.
- DEBONA, Vilmar; FONSECA, Eduardo Ribeiro; HULSHOF, Monique; MATTOS, Fernando Costa; RAMOS, Flamarion Caldeira (Orgs.). **Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade. Uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola**. Curitiba: Editora UFPR, 2015. 380 p.
- GALAHAD, L. C. 16 curiosidades sobre Eros. **Mitologia Grega Br**, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/16-curiosidades-sobre-deus-eros/>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- MAIÁ. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mai%C3%A1>. Acesso em 17 nov. 2019.
- MANN, Thomas. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. Tradução de Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

PROSERPINA. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proserpina>. Acesso em 15 nov. 2019.

PROTEU – Deus marinho da Mitologia Grega. **Mitologia online**. Disponível em: <https://mitologiaonline.com/mitos-lendas-historias/proteu/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, 1º tomo**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015a.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, segundo tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral**. Trad. Maria Lúcia Cacciola. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Luan Corrêa. **Amor sexual e amor compassivo em Schopenhauer**. Kalagatos, Fortaleza, vol. 15, N.1, 2018, p. 188-202.

TANNER, Michel. **Schopenhauer: Metafísica e arte**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2001. – (Coleção Grandes Filósofos).

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. **Dogmatismo e Antidogmatismo: Kant na sala de aula**. Cadernos de Filosofia Alemã 7, p. 67-86, 2001.